

**CIDADE, PIXAÇÃO E IDENTIDADE: RECONSTRUÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO  
ESPACIAL EM JUAZEIRO-BAHIA E PETROLINA-PERNAMBUCO<sup>1</sup>**Otávio Tonelotto <sup>2</sup> - UNIVASF

Simpósio de apresentação: Tempos da arte: estética, história e crítica

**RESUMO:**

No presente estudo buscamos discutir os resultados da pesquisa acerca da pixação nas cidades vizinhas de Juazeiro, no estado da Bahia e Petrolina, no estado de Pernambuco de maneira a compreender tanto suas características quanto as condições que permitem a prática. Para tanto, localizamos na literatura de áreas diversas reflexões que tomassem por objeto as relações entre sujeito e espaço, permitindo, assim, que o trabalho possuísse caráter interdisciplinar. Adotamos as caminhadas noturnas junto aos pixadores, e as entrevistas como suporte para experimentar o universo da pixação e compreender a elaboração das *tags* expressas pelos pixadores, *Pd*, *RIP*, *Tripa* e *Judô*. Observamos que as dinâmicas espaciais e culturais da região em questão fomentam a prática da pixação e essa, por sua vez, atua como elemento de interação, especificamente, com a cidade ou o perímetro urbano.

**Palavras – chave:** Pixação; Cidade; Experimentação; desobediência.

**Introdução**

A mútua relação entre cidade e pixação nos permite considerar que uma possível decomposição ou fragmentação na análise dos elementos em questão pode acarretar em incompreensão devido às interações inerentes aos dois conceitos. Num formato próximo às conexões em rede (SALLES, 2008), suas premissas e lógicas de atuação demonstram que elas, cidade e pixação, estão ligadas a outros tantos fatores - como as questões econômicas, sociais, políticas e de identidade, só para citar alguns - que criam as condições para sua ação e proliferação. A pixação é prática ligada à cidade e essa, por sua vez, se alimenta de produções como a da pixação. Fica nítida a complexidade em que estão inseridas a partir das abordagens interdisciplinares que provocam leituras que situam e registram suas diversas faces.

A pixação, prática estética<sup>3</sup> marginal, provoca reações contrárias por parte da sociedade e do Estado manifestadas por discursos e posturas repressivas, o que nos incita a pensar nas justificativas para tal reprovação. Por outro lado, a cidade é apresentada como campo de disputas e afirmações ideológicas, perceptíveis em sua concepção e no momento de seu "funcionamento", dessa forma, tanto uma quanto outra parecem atuar na constituição dos espaços, dos lugares e das identidades.

<sup>1</sup> Monografia de Conclusão do Curso de Graduação licenciatura em Artes Visuais

<sup>2</sup> Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Professor de Arte da Prefeitura Municipal de Guaratinguetá. E-mail: otavio.tonelotto@gmail.com

<sup>3</sup> A preocupação plástica, bem como a ornamentação das letras presente nas tags revela que não somente a semântica da palavra tem importância, mas também a maneira como se é feita, ou seja, a forma.

A atenção das artes visuais se volta para a cidade através das iniciativas de artistas, desde modernistas até contemporâneos, de rever tanto o espaço dos ateliês – portanto, lugar de criação - quanto das galerias, passando pela preocupação com o público e o papel da arte na sociedade. Esse movimento abre espaço para pensarmos os suportes, o processo criativo e qual o local da arte – se é que podemos chamar assim –. A cidade torna-se, dessa maneira, campo de experimentação, investigação e produção dos artistas.

A interdisciplinaridade da arte contemporânea, especificamente, expande a apreensão sobre as produções de sentido para além dos materiais e conceitos por ela definidos. Tal postura nos permite ler a pixação através das reflexões propostas por artistas e estudiosos da arte, - ainda que ela não seja vista como manifestação artística - visto que as características da pixação, assim como algumas questões que a envolve, convergem para movimentos realizados pelos próprios artistas e pensadores da arte.

As implicações da presença da pixação, prática contestatória no interior do contexto urbano, em uma região marcada, histórica e culturalmente, por processos oriundos da economia rural e ribeirinha, bem como as perspectivas adotadas pela própria pixação através da ótica da arte contemporânea - em especial o conceito de *ready-made*, formulado por Marcel Duchamp - são os elementos centrais deste estudo.

### **Metodologia**

As características do objeto de estudo moldaram, por assim dizer, a maneira como esse universo poderia ser abordado. Sendo a pixação multifacetada, relacional e marginal os instrumentos utilizados foram pensados de maneira a melhor nos inserir na “atmosfera” e, sobretudo, da experiência que ela proporciona. Destacamos as revisões bibliográficas, as caminhadas noturnas junto aos pixadores compartilhando da ação e entrevistas realizadas em momentos que não o da prática como a base para os resultados obtidos.

A revisão bibliográfica parte de teóricos como Anne Cauquelin (2005), Archer (2012), Costa (2014), Jacques (2012), Freire (2000) que discutem conceitos referentes às artes visuais, bem como Careri (2013), Filardo (2015), Sperling (2011), Gonsáles (2005) da arquitetura e Certeau (1994) contribuindo com a perspectiva sociológica. Os referenciais nos possibilitaram leitura abrangente sobre a temática, visto que, como dissemos, o objeto em questão e os próprios estudos teóricos suscitam análises interdisciplinares.

Aliando a etnografia às caminhadas noturnas – tendo por base as reflexões de Careri (2013) da caminhada como prática estética e Certeau na diferenciação entre *voyeurs* e caminhantes na constituição dos espaços - junto aos pixadores, buscamos vivenciar as circunstâncias em que a pixação acontece, pois entendemos que o contexto, o instante e as demais condições envolvem e se conectam as questões sensíveis à pixação como os horários, o tempo, os fluxos e a vigilância. Por fim, foram realizadas entrevistas com os pixadores em momento diverso ao do ato, possibilitando reflexões e relações conceituais que durante o processo não

foram possíveis estabelecer somente pela observação e experimentação (Oliveira, 1998), dentre as quais pontuamos a elaboração das *tags*<sup>4</sup>.

### **Desenvolvimento**

Ao falarmos de pixação ao invés de pichação buscamos especificar uma postura no interior da prática, visto que o ato de pichar é, grosso modo, o de aplicar tinta sobre uma superfície, de maneira ilegal ou sem autorização. A pixação, por sua vez, possui características próprias como, principalmente, o uso de *tags*: assinaturas de pseudônimos, com letras estilizadas e ornamentadas que são espalhadas por diversos pontos da cidade. A quantidade, ou a repetição, dessas assinaturas, bem como a qualidade do local onde são realizadas transformam a arquitetura das cidades em pontos de conquista numa corrida pelo reconhecimento.

A pixação se apresenta como prática estética ligada, exclusivamente, às cidades ou a perímetros urbanos. Sua aparição, nos moldes como conhecemos, ocorre por volta das décadas de 1970 - 1980 nas periferias de Nova York. Arelada ao movimento *Hip-Hop*, funciona como meio de expressão da juventude periférica, negra e latina, principalmente, perante as questões de identidade e de relação com a cidade. No Brasil, o registro acerca da pixação marca o início por volta dos anos 1980, tendo como suporte a cidade de São Paulo. A pixação paulistana é conhecida por *pixo reto* e a isso se deve às características estéticas das *tags*, a ornamentação das letras salientam os ângulos retos. A paisagem urbana é modificada e ressignificada: uma janela, um muro ou o topo de um edifício adquirem valores diferentes entre os pixadores, a busca é pela maior e melhor visibilidade.

A relação da pixação com a cidade precisa ser contextualizada. O modelo de cidade em questão tem sua efetivação em momento concomitante ao da revolução industrial em desenvolvimento na Europa no século XIX. Dado os grandes fluxos migratórios, principalmente das áreas rurais (GONSALES, 2005) para os centros urbanos, as cidades precisam, na visão de seus administradores, organizar os espaços de modo a priorizar a higiene e salubridade de seus habitantes. A segmentação dos espaços físicos, o controle dos fluxos ditado pela dinâmica do trabalho e a separação público/privado - trazido pelo pensamento moderno onde o privado é estância da diversidade e excentricidade enquanto o público é local de passagem, de trânsito rápido - são as principais características dessa estrutura.

A organização do espaço não se apresenta neutra e estritamente racional como defendia o planejamento urbano moderno, ela está carregada de intenções e objetivos políticos e ideológicos, no caso específico, o controle dos corpos, dos fluxos e das identidades. As ações tendem a ser vigiadas, fiscalizadas e moldadas, os modos de ser e de agir são orientados por essa estrutura que dispõe de “uma série de máquinas espaço-temporais e discursivas que disparam “acontecimentos” programados e prescritivos, narrativas comportamentais a serem seguidas, espaços-padrão a serem habitados, objetos a serem possuídos, imagens a serem incorporadas” (SPERLING, 2011).

---

<sup>4</sup> Palavra de origem inglesa que, traduzida para o português, pode ser entendida como etiqueta. Assim são denominados, pelos pixadores, os *pixos*, funcionam como marcações e ao mesmo tempo identificadores.

Em resposta a essa dinâmica, Certeau (1994) elenca práticas realizadas por aqueles que usam a cidade, os habitantes, no interior desse sistema, que caracterizam confrontos à ordem estabelecida. O seu uso alternativo contrapõe as orientações nela e por ela veiculadas.

Tais práticas, como apresenta Certeau, são operações que modificam uma estrutura mediante seu uso ou apropriação de maneira diversa da que foi imposta, “essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (CERTEAU, 1994, Pag. 41). O uso alternativo e utilitário realizado pelos habitantes ou, como denomina o autor, da cultura popular, dos instrumentos e produtos fabricados pelo poder dominante, alterando seus significados, apresenta uma característica de desobediência e, ao mesmo tempo, de transformação.

A pixação, dessa forma, se apresenta como ferramenta de apropriação ao mesmo tempo em que é voz dissonante no interior das cidades. Atua além dos limites fixados, por exemplo, do público e privado, retoma a ideia de habitar, de ocupar e usar, transformando o *espaço* em *lugar*. Certeau (1994) distinguindo espaço de lugar pontua que o primeiro possui a característica de ser segmentado, onde cada um pertence ao seu próprio, sendo restringida a coexistência de duas partes. O lugar, por sua vez, é praticado, ocupado, utilizado, ele permite trocas e contato. A pixação, assim, age contra os procedimentos que estimulam a multiplicação dos *espaços* na cidade, contestando seus fluxos, suas permanências e alocações.

A ocupação da cidade pela pixação ocorre de forma tanto simbólica quanto no modo como é praticada. Simbolicamente na medida em que instaura, através do pixo, novas significações a um local; a nomeação, realizada por um pseudônimo em consonância com a identidade do pixador, torna determinado lugar em ponto de referência para o praticante, para os pares da pixação e para os habitantes que estão fora do circuito, que mesmo através da repulsa mantém alguma relação com essa produção.

Movimentos semelhantes aos descritos ocorrem também na arte, o conceito de *ready-made*, formulado por Marcel Duchamp chama a atenção para aquilo que se entende por objeto de arte, artista e obra. Duchamp designa um objeto cotidiano como arte e nos faz perguntar o que o define como arte? “Seria alguma coisa a ser achada na própria obra de arte ou nas atividades do artista ao redor do objeto?” (ARCHER, 2012, Pag. 3).

O desenrolar desses questionamentos abrem caminho para diversas formas de produção de arte, principalmente, mas não somente, na contemporaneidade. A bricolagem de materiais e códigos e a “apropriação e deslocamento” (COSTA, 2014, pag 53) mediante designação de tais produções possibilitam novas apreensões sobre o que se poderia entender sobre criação ou, melhor dizendo, transformação.

A ideia de apropriação é estendida para além dos objetos; os ambientes e lugares passam a fazer parte do campo de ação como o exemplo de Duchamp frente ao edifício Woolworth, no qual ele atribui um valor estético “a um espaço, em vez de um objeto” (COSTA, 2014, pag. 50). O espaço urbano possui a singularidade de ser disputado por diversos agentes, cada um buscando instaurar sua semântica, entre

eles a pixação, que desloca as orientações e condutas promovidas no contexto urbano. Assim, a cidade se configura em objeto de apropriação da pixação, um ready-made (SPERLING, 2011), uma vez que ela é pensada, construída e manejada visando certos resultados que, no entanto, são alterados pelas ressignificações da pixação.

### Conclusão

A prática da pixação, observada nas cidades de Juazeiro e Petrolina, apresenta particularidades quando comparada a pixação, por exemplo, de São Paulo. Se na realidade paulistana a cidade é utilizada a partir do destacamento de pontos específicos (muro, parede, janela e edifício), entre os pixadores analisados os locais escolhidos partem de circunstâncias do instante ou motivações particulares, não predeterminados.

Embora atue também como experimentação da cidade, comunicação, formação da identidade e privilegie a visibilidade como a pixação paulistana, no contexto estudado não há - até o momento, pelo que se observou - uma noção de disputa entre os pixadores ou a preocupação com locais de maior ou menor importância. A pixação se apresenta como utilização do espaço urbano, onde o pixo concentra um universo particular instaurado no espaço público, agindo, também, como registro, testemunho de um momento ou acontecimento.

A pixação em Juazeiro e Petrolina aponta para dinâmicas e perspectivas que embaralham as definições estanques de rural e urbano, esses espaços-tempos se desenvolvem num mesmo espaço físico. Essa especificidade permite a mútua influência entre o contexto descrito e a pixação, o que salienta e define a distinção entre a prática da pixação paulistana e da região estudada, por exemplo. O pixador em Juazeiro e Petrolina faz uso da cidade por intermédio da pixação da mesma forma em que faz uso do rio São Francisco mediante outras práticas, tais relações dizem respeito às formas como os espaços são apropriados e qual o perfil de seus agentes.

### Referências

- ARCHER, Micheal. O real e seus objetos. In:\_\_\_\_\_. *Arte contemporânea: Uma história concisa*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. Cap. 1. p. 1-59.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSTA, Baldomiro da Cruz. *Natureza ampliada*. Baldomiro: 30 anos de arte. Salvador: Governo da Bahia, 2014.
- GONSALES, Célia Helena Castro. Cidade moderna sobre a cidade tradicional: movimento e expansão – parte 2. *Arquitextos*. Ano 05, abr. 2005
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In:\_\_\_\_\_. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2000. Cap. 1. p. 17-36.
- SALLES, Cecília. Criação como rede. In:\_\_\_\_\_. *Redes de criação: construção da obra de arte*. 2. ed. São Paulo: Editora Horizonte, 2008. Cap. 1. p. 12-33. Disponível em: <[http://sciarts.org.br/curso/textos/redes\\_criacao\\_final\\_grifado.pdf](http://sciarts.org.br/curso/textos/redes_criacao_final_grifado.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2018.
- SPERLING, David. Ready-made city. *Arquitextos*. Ano 12, ago. 2011.